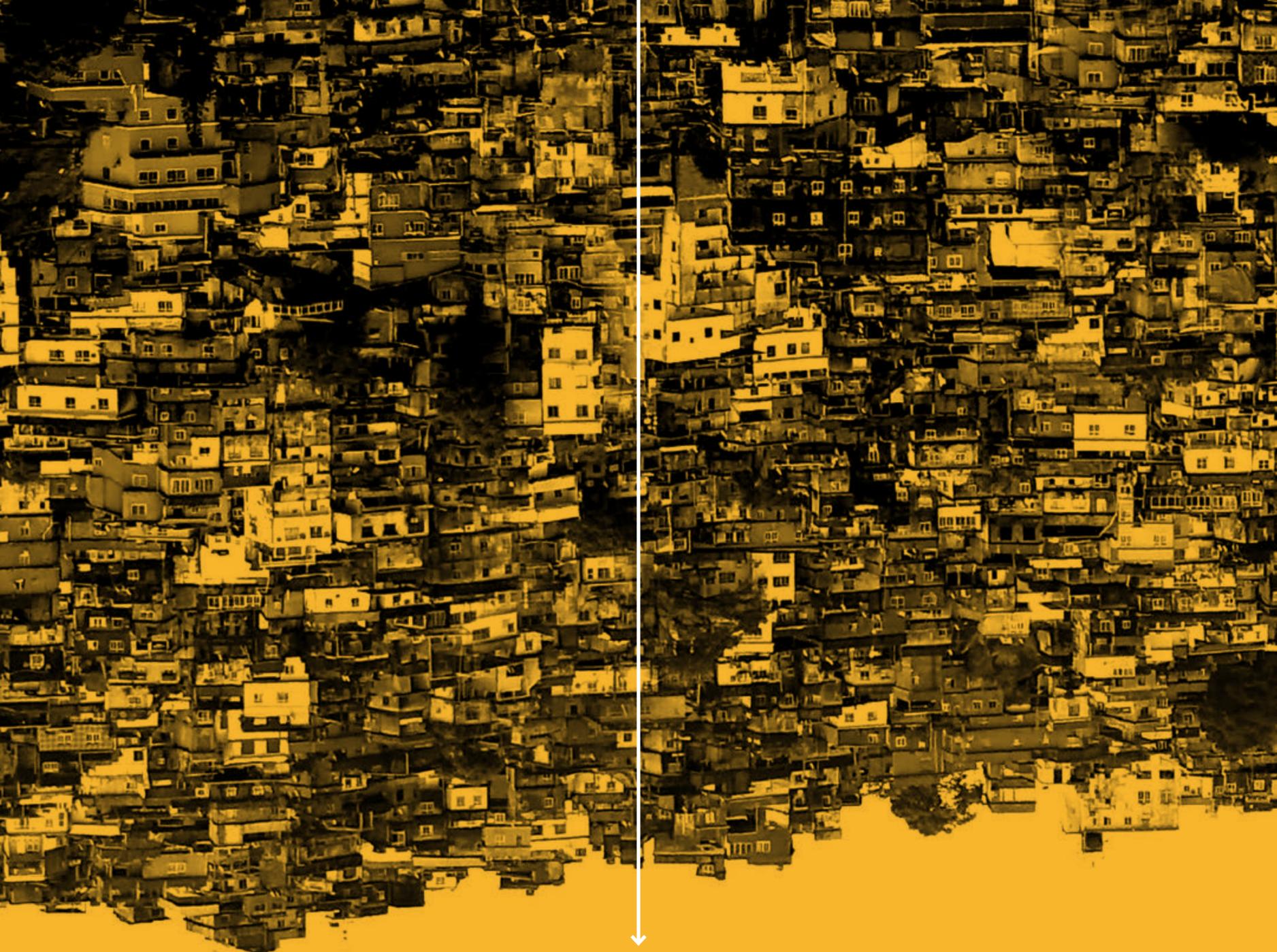


# ÉPOCA NEGÓCIOS



# O PODER DA INOVAÇÃO



**CONTRA A  
MISÉRIA**





**SEJA NA PONTA DAS  
GRANDES EMPRESAS,  
NO UNIVERSO DE  
EMPREENDEDORISMO  
OU NA FILANTROPIA,  
NOVAS ABORDAGENS E  
MECANISMOS ESTÃO  
MOLDANDO O FUTURO  
DO ENFRENTAMENTO DE  
PROBLEMAS SOCIAIS NO  
MUNDO E NO BRASIL.**



O resultado é um ecossistema de inovação social com novos protagonistas – como empreendedores sociais em ONGs e negócios de impacto. E velhos protagonistas com novos papéis, como empresas e filantropos. Para todos, as premissas da inovação social são as mesmas do mundo dos negócios – metas, escala e colaboração. É um novo contexto que vai além do impulso, em termos de volume de doações,



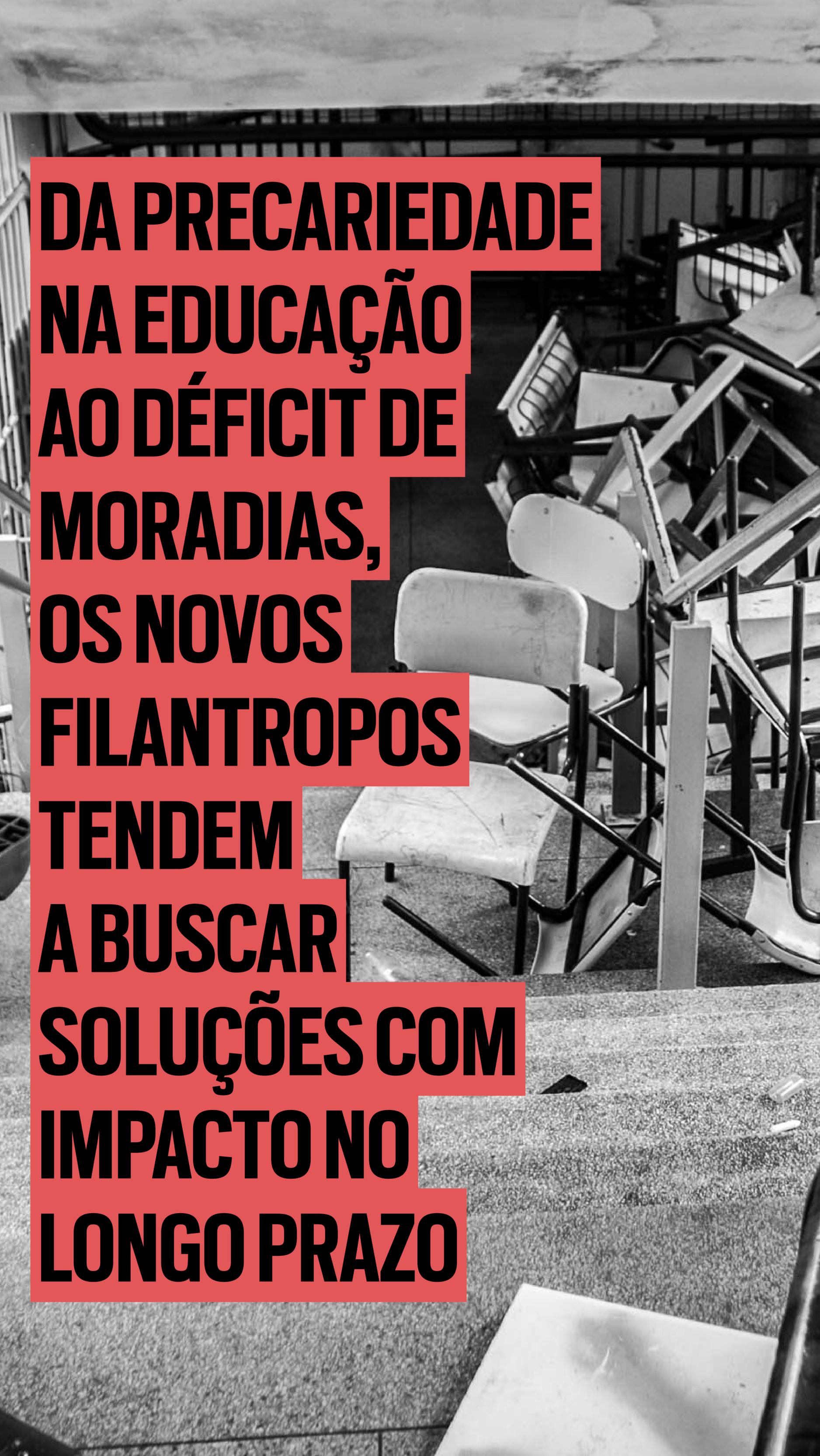
registrado na pandemia. Os números mais recentes do Censo GIFE, do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE) que mapeia o investimento social privado no Brasil, mostram em 2022 um aporte recorde de R\$ 5,3 bilhões, volume de recursos 63% superior ao projetado antes da pandemia e ocasionado justamente para o enfrentamento dos efeitos da covid-19. Ainda não existem dados para mostrar o quanto



dessa mobilização, em volume de recursos, veio para ficar. Para John Elkington, considerado o pai da sustentabilidade, a pandemia ajudou a jogar luz ao aspecto social da estratégia das empresas – que por algum tempo esteve à sombra da emergência ambiental. Mas, segundo ele, uma transformação de fundo vai impulsionar essas demandas no longo prazo. “As empresas serão chamadas a lidar muito mais com a agenda



**DA PRECARIEDADE  
NA EDUCAÇÃO  
AO DÉFICIT DE  
MORADIAS,  
OS NOVOS  
FILANTROPOS  
TENDEM  
A BUSCAR  
SOLUÇÕES COM  
IMPACTO NO  
LONGO PRAZO**





social”, disse em entrevista a **Época NEGÓCIOS** [publicada na edição 182 da revista.](#)

Após o chacoalhão provocado pela pandemia, que impulsionou uma série de iniciativas do setor privado na área social, grandes empresas brasileiras como a Ambev e a Gerdau estão colocando sua visão estratégica e estabelecendo metas ambiciosas para o setor. São projetos voltados



para a inclusão produtiva, a criação de moradia e o combate à pobreza liderados por grandes companhias em parceria com empreendedores sociais, organizações da sociedade civil e empresas de impacto social. Em alguns casos, parte dos bônus dos executivos é calculada de acordo com os resultados desses projetos, como é o caso da Ambev.

“A pandemia deu uma espécie de carta de permissão para que as



empresas pegassem parte dos lucros para colocar em projetos de enfrentamento aos problemas sociais que se agravaram no período”, afirma Cláudio Boechat, professor associado da Fundação Dom Cabral e consultor sênior da Ambipar VG. O desafio agora é fazer com que as companhias tragam as ações de responsabilidade social e sustentabilidade para o coração de seus negócios, aponta o especialista. “Muitas vezes as decisões não são





aceitas pelo conselho de acionistas. A companhia pode ter uma equipe maravilhosa trabalhando nessa área, mas, na hora de aumentar o orçamento desses projetos, eles são barrados por acionistas que alegam não querer abrir mão dos lucros.”

Um olhar mais atento à pauta ESG, no entanto, ganhou força por conta da pressão de investidores antes do início da pandemia. A guinada se deu a partir de 2019, com a publicação da carta anual



de Larry Fink, executivo-chefe da BlackRock, maior gestora de recursos do mundo, aos CEOs das empresas nas quais investe. Nela, Fink, que possui US\$ 9,5 trilhões sob sua gestão, avisa que os investimentos levarão em conta, além dos aspectos financeiros, indicadores sociais e ambientais das companhias. Philipp Hildebrand, número 2 da BlackRock, já alertou que o PIB mundial irá retrair 25% em duas décadas caso não sejam colocados



freios nas mudanças climáticas e no aumento da desigualdade.

O alarme soou em grandes companhias de todo o mundo que têm o potencial de provocar um efeito cascata em suas cadeias produtivas.

“Uma empresa que deseja receber um aporte de recursos de grandes investidores precisa mostrar que tem uma atuação correta do ponto de vista dos fornecedores. À medida que isso se expande, há



um espraiamento da preocupação com o ESG em empresas de pequeno e médio portes, que são fornecedoras dessas grandes”, explica Boechat.



# DE FRIEDMAN A LARRY FINK

COMO O PENSAMENTO  
SOBRE O PAPEL DAS  
EMPRESAS MUDOU  
RADICALMENTE NAS  
ÚLTIMAS DÉCADAS



1970

O economista **Milton Friedman** escreve o artigo *The Social Responsibility of Business Is To Increase Its Profits* (“A responsabilidade social do negócio é ampliar o lucro”, em tradução livre), no jornal americano *The New York Times*, pregando que as empresas não deveriam se preocupar com investimentos sociais e sim com o retorno financeiro de seus acionistas.



1994

O consultor britânico **John Elkington** cria o conceito de triple bottom line, defendendo que as empresas calculem seus resultados e levem em conta em suas estratégias de negócios três aspectos: financeiro, ambiental e social.



2006

O bengalês **Muhammad Yunus** ganhou o Prêmio Nobel da Paz pela criação do Grameen Bank, uma operação de microcrédito na Índia. A conquista dá visibilidade global aos negócios sociais.



**Michael Porter**, professor da Universidade Harvard e um dos principais teóricos do planejamento estratégico, publicou o artigo *The Link Between Competitive Advantage and Corporate Social Responsibility*, na *Harvard Business Review*. Ele e o coautor Mark Kramer defendem que as empresas só podem prosperar num contexto social próspero.



2018

**John Elkington** faz o que chama de “recall” do triple bottom line e defende a criação da economia regenerativa: não basta mitigar riscos, é preciso deixar um legado positivo para as pessoas e para o planeta.



2019

**Larry Fink**, o poderoso chefe da BlackRock, maior gestora de recursos do mundo, publica a carta *Purpose & Profit* (“Propósito e lucro”). O recado: os investimentos levarão em conta, além dos aspectos financeiros, indicadores sociais e ambientais das empresas.

# A NOVA CARA DA FILANTROPIA



A SEGUIR, AS CARACTERÍSTICAS DESSE NOVO MOVIMENTO DAS EMPRESAS PARA ENFRENTAR OS DESAFIOS SOCIAIS E DEIXAR UM LEGADO POSITIVO PARA O PAÍS – E ALGUNS DOS PRINCIPAIS EXEMPLOS PARA CADA UMA DELAS.



## **METAS AMBICIOSAS**

Formar 5 milhões de brasileiros nos próximos dez anos é o objetivo do Projeto Bora, primeiro programa de inclusão produtiva da fabricante de bebidas Ambev. Uma gama de iniciativas compõe a iniciativa, desde o auxílio a pequenos varejistas fragilizados com a pandemia até a



formação de jovens. Numa das frentes, a ideia é abrir para a comunidade as portas de sua universidade corporativa, que formou 5 mil profissionais da área de tecnologia nos últimos três anos. “A gente saiu da postura de apenas ‘mitigar impactos negativos’ para dar um salto no impacto líquido da empresa na sociedade e torná-lo positivo”, afirma Jean Jereissati, presidente da Ambev no Brasil.

A ambição também





marca a meta do Instituto XP, ligado à plataforma de investimentos XP, criado em março de 2021. Ao definir a educação financeira como tema prioritário, o instituto busca alcançar 50 milhões de pessoas em dez anos por meio de parcerias estratégicas com organizações da sociedade civil e empresas de impacto social com foco em educação. Para este ano, serão investidos R\$ 24 milhões, capital da própria XP, nos projetos.





Um deles é o Educação Financeira Transforma, realizado com a plataforma Nova Escola, para criar conteúdo sobre o tema para professores e alunos de escolas públicas.

# 2

## **PARCERIA COM NEGÓCIOS DE IMPACTO**

Com investimento inicial de R\$ 40 milhões da empresa Gerdau, o





projeto Reforma que Transforma entrou em operação este ano e pretende reformar mais de 13 mil habitações vulneráveis no Brasil ao longo de uma década. Do total das famílias beneficiadas, 70% terão acesso a esse crédito com juros abaixo do mercado. Os 30% restantes terão a reforma paga pela empresa. Todo o projeto está sendo estruturado em parceria com a startup Vivenda, um negócio de impacto especializado



na reforma de casas com pouca estrutura. “Nossa visão é colocar recursos em iniciativas que possam ajudar a resolver grandes problemas sociais e que deixem algum legado”, afirma Gustavo Werneck, presidente da Gerdau.

## 3

## **COLABORAÇÃO ENTRE EMPRESAS**

O programa Todos à Mesa nasceu em



2021 com a união de grandes empresas para combater os efeitos da fome no Brasil e reduzir o volume de alimentos jogados fora. A iniciativa é liderada pelo iFood e mobilizou outras nove empresas: Bauducco, Carrefour Brasil, Danone, Camil, DPA, MDias Branco, Nestlé Brasil, Lopes Supermercados e Connecting Food. O projeto já doou mais de 3,4 mil toneladas de alimentos para ONGs em 19 estados do Brasil,





impactando mais de 1 milhão de pessoas. Além de distribuir comida, o grupo deseja articular um ambiente regulatório favorável à doação de alimentos no país.

Com o mesmo objetivo de juntar forças para potencializar os mesmos projetos, a Accor Brasil, em parceria com o Instituto Avon, criou em 2020 o Programa Acolhe para abrigar em sua rede de hotéis mulheres vítimas de violência doméstica e seus



filhos. A ação pioneira é estruturada em cinco pilares: acolhimento, acomodação, suporte emocional, treinamento e capacitação e recomeço. “Esse padrão de atendimento não existia, treinamos a empresa toda para isso”, conta Magda Kiehl, líder embaixadora de Diversidade e Inclusão da Accor. Até março, foram quase mil diárias com pensão completa doadas e 108 mulheres acolhidas em 11 estados.



## 4

**INTRAEMPREENDEDORISMO  
SOCIAL**

Em fevereiro de 2022, a Nestlé anunciou o lançamento de uma linha de barras de cereais cujos lucros são destinados a um projeto da ONG Gerando Falcões, de combate à pobreza nas favelas. “Este é o primeiro produto social que a Nestlé lança no mundo.





“Temos orgulho dessa parceria”, diz Marcelo Melchior, CEO da Nestlé Brasil. Desde 2018, a empresa de alimentos e a instituição fundada pelo empreendedor social Edu Lyra realizaram juntas a doação de alimentos e a contratação de profissionais capacitados em iniciativas da ONG.



EN

GLÓS -

SÁ -

RIO



# **BLENDED FINANCE**

Numa tradução livre, as finanças híbridas são estruturas que combinam capital filantrópico e capital financeiro para realização de iniciativas com impacto socioambiental. Elas podem combinar instrumentos diversos para apoio aos projetos, como dívida, equity, garantias, seguros, programas ou fundos garantidores, grants, pagamento por resultados e assistência técnica.

# **CAPITALISMO REGENERATIVO**

Enquanto a teoria econômica-padrão não considera necessariamente o ponto de escassez dos bens de consumo, a economia regenerativa leva em conta o valor econômico dos capitais originais da natureza e seu uso de forma racional e consciente.

# **EMPREENDEDORISMO SOCIAL**

É o conceito por trás da construção de negócios de impacto. Ou seja, o ato de empreender para promover soluções sistêmicas que

respondam a desafios sociais e ambientais.

## **FILANTROPIA ESTRATÉGICA**

É a alocação voluntária e estratégica de recursos privados, sejam eles financeiros, em espécie, humanos, técnicos ou gerenciais, para o benefício público. Para promover a transformação social sistêmica e de longo prazo, esse investimento é feito com planejamento estratégico ancorado em dados, com indicadores predefinidos, execução cuidadosa, monitoramento dos resultados e

avaliação do seu impacto.

## **FILANTROPIA DE RISCO**

Também chamada “venture philanthropy”, tem como objetivo apoiar e catalisar soluções inovadoras para problemas socioambientais, propostas por negócios de impacto em estágio inicial ou organizações da sociedade civil. Neste modelo, o investidor assume riscos ao apostar em potenciais de mudanças sistêmicas e prioriza o impacto positivo ao retorno financeiro, com financiamento personalizado, complementado com apoio estratégico, monitoramento e avaliação do impacto.

# **INCLUSÃO PRODUTIVA**

Inserção de pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social no mundo do trabalho, em áreas rurais ou urbanas, por meio do empreendedorismo ou da empregabilidade formal, de modo que sejam capazes de gerar sua própria renda de maneira digna e estável, e assim superar processos crônicos de exclusão social.

# **INTRAEMPREENDEDORISMO SOCIAL**

É a atuação de executivos e funcionários das empresas no sentido de usar os próprios

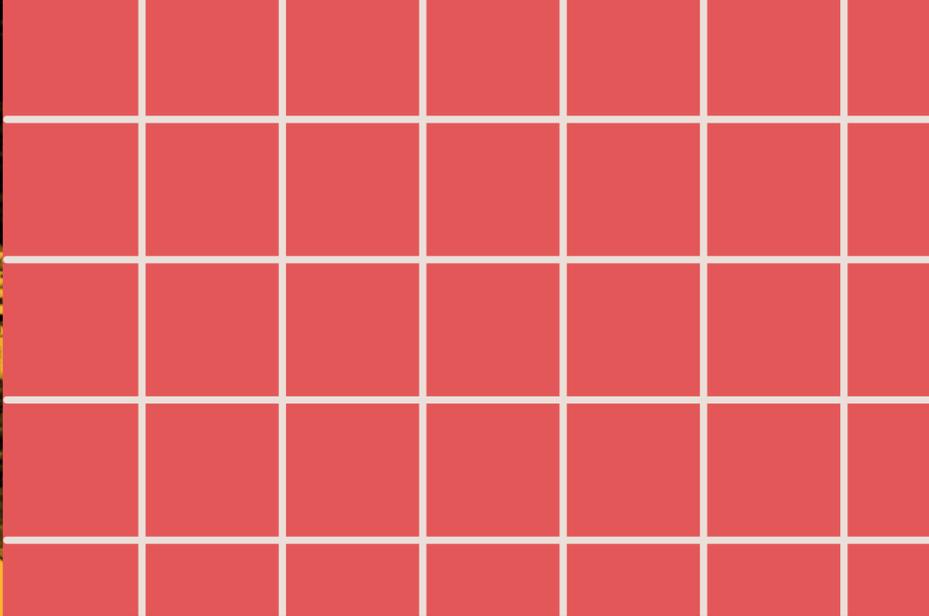
recursos, seja em tempo, seja com a própria estrutura da companhia, para resolver problemas sociais.

## **NEGÓCIOS DE IMPACTO**

São empreendimentos que oferecem, por meio de seus produtos e serviços, soluções para desafios socioambientais e geram mudanças positivas ao mesmo tempo em que geram resultados financeiros positivos de forma sustentável.

Fonte: IDIS





**ASSINE ÉPOCA NEGÓCIOS**



INSPIRAÇÃO PARA INOVAR

EPOCA **NEGÓCIOS**

CARBON FREE 1

VENTURE PHILANTHROPY

NEGÓCIOS DE IMPACTO

ESPECIAL INOVAÇÃO SOCIAL

**O PODER DAS EMPRESAS NO COMBATE À MISÉRIA**

INCLUSÃO PRODUTIVA

ECONOMIA REGENERATIVA

COMO EXECUTIVOS, EMPREENDEDORES E INVESTIDORES ESTÃO USANDO KPIS EMPRESARIAIS E METODOLOGIAS INOVADORAS PARA ENFRENTAR A POBREZA NO BRASIL

INTRAEMPREENDEDORISMO

EMPREENDEDORISMO SOCIAL

EDITORA GLOBO

AGD 2022 Nº 102 | R\$ 25

